

# Perante a Toxicodependência

## Uma atitude ética

Victor Feytor Pinto

### Introdução

**1** – É frequente, hoje, fazer-se apelo aos valores éticos quando alguém deseja reivindicar direitos, afirmar opiniões ou simplesmente reclamar interesses pessoais ou do grupo a que pertence. É assim que se fala de ética por tudo ou por nada; é a ética na economia e na política, é a ética no desporto e na diversão, é a ética na ciência e na técnica, é a ética na gestão ou no trabalho, é a ética em tudo. E há razão para isso. Resta saber se toda a gente tem consciência do que é a ética.

**2** – Confunde-se ética com a lei, e uma coisa pode ser legal e não ser ética, se a lei não respeita suficientemente a dignidade da pessoa humana. Mistura-se a ética com a moral, não reparando que aquela é muito mais universal que esta, uma vez que, enquanto a ética radica na profundidade do ser, no etos do indivíduo, a moral é apenas o código de comportamentos de um grupo que constitui “costume” já assumido na relação social. É claro que algumas “morais” não são mesmo éticas, porque magoam as pessoas que se não identificam com o grupo. Também se deseja ver a ética reduzida a opiniões de maiorias, não reparando que a vontade da maioria pode contrariar os valores universais que, em ética, são imutáveis.

**3** – A ética é a ciência dos comportamentos e tem como referência última, como fundamento, a pessoa humana na sua liberdade e dignidade. Identificá-la

com a tradição e as suas normas, seria aceitar que é impositiva. Configurá-la com a filosofia do bem estar, do sucesso ou da eficácia, seria deixá-la marcada pela permissividade absoluta. A ética tem de ser personalista, encontrar referências nos direitos humanos, apostar no bem comum e buscar sempre os valores universais entre os quais sobressaiem a dignidade das pessoas e a solidariedade com todas as pessoas.

**4** – Neste contexto, é de compreender que a discussão sobre a toxicodependência tem uma dimensão ética. Se a toxicodependência compromete a liberdade da vontade, sacrifica a saúde global e torna impossíveis projectos de realização. É lógico que ela constitui a negação de todos os princípios éticos que são essenciais à vida humana. Falar sobre a toxicodependência exige falar sobre as consequências éticas na vida das pessoas, das famílias, dos grupos sociais, da própria sociedade.

### A Toxicodependência, um fenómeno social

**1** – Toda a gente conhece o fenómeno da toxicodependência, enquanto doença que atinge milhões de indivíduos de uma sociedade. É uma doença integral que destrói a pessoa na vida física, mas sobretudo, na vida psicológica, afectiva e social. O toxicodependente não é um doente como os outros. Perdeu totalmente a capacidade de optar, não sabe escolher outra forma de ser feliz, tem a necessidade de uma substância que lhe dá um bem estar imediato e não consegue viver sem

esse bem estar artificial. Ao nível psico-afectivo, está preso ao produto que procura de todas as maneiras. A heroína e a cocaína provocam síndromas de abstinência que reclamam substâncias por qualquer preço. É relativamente fácil a desintoxicação biológica, mas o que está mais doente é o carácter e é este que é difícil de mudar. Todos os comportamentos ficaram alterados e são os comportamentos que é preciso ajudar a ser diferentes.

**2** – Quando há um toxicodpendente, toda a sua família fica doente, todos os amigos se preocupam, a própria sociedade tende a excluí-lo. Não é apenas um problema do bom nome da família, é a alteração de todas as relações na vida da casa. Os pais, os irmãos, os amigos deram-se conta de que os hábitos mudaram, a higiene, o tipo de alimentação, a relação de amizade, o tempo de sono, a incapacidade de cumprir horários, de assumir tarefas, de aceitar compromissos, tudo está posto em causa. E a certa altura, até as coisas, valiosas ou simples, começaram a desaparecer. O importante era fazer dinheiro para comprar o produto, a única razão de viver. Estranho comportamento, com reflexos sociais impressionantes, no normal tecido das relações humanas.

**3** – O fenómeno da dependência é social, tem repercussões profundas nos comportamentos do grupo humano por onde o toxicodpendente se move. Trata-se de um processo de degradação que vai poluindo todo o meio ambiente, tornando-o inabitável. Entre os pais e os irmãos surgem acusações mútuas, no local de trabalho sucedem-se as recriminações, para os amigos e conhecidos há sempre uma situação externa que deu origem ao problema. O tecido social desfaz-se e, por simples compaixão ou por ser impossível aceitar esta perda humana, o facto é que o toxicodpendente fica só, incapaz de enfrentar o seu drama. Durante algum tempo, todos procuram soluções. Um médico excelente, um serviço com muitos resultados, uma comunidade com um bom nível de sucesso, um tratamento diferente, mas, quase sempre, cada solução resulta em fracasso e a família e os amigos são obrigados a um permanente recomeço. Depois vêm os desânimos, após despesas insuportáveis, até que um dia (muitas vezes, infelizmente), todos são surpreendidos pela overdose fatal que pôs termo à tortura daquele ser

humano já abandonado de todos. E o mais dramático é que a morte provocou, nos mais íntimos, uma estranha sensação de alívio.

**4** – A toxicodpendência é um fenómeno social de contornos ilimitados, mas que acaba por atingir toda a sociedade. Os doentes são muitos, os recursos técnico-financeiros são sempre reduzidos, a organização da saúde é insuficiente, a eficácia dos tratamentos é limitada. Resta esperar que uma sensibilidade maior das pessoas consiga levar a aprender que uma experiência pode deitar tudo a perder, que uma situação de angústia não se resolve com o recurso a uma substância, que o consumo habitual fecha a porta a um regresso fácil e que a vida vale muito mais que uma sensação efémera, ainda que agradável. Somos todos, na sociedade, que temos de aprender e ensinar a viver. É que o problema é de todos.

### Um problema ético

**1** – A toxicodpendência destrói o ser humano, retira-lhe a liberdade, condição da dignidade humana, compromete-lhe a relação social, elemento chave da construção social, sacrifica-lhe a saúde física, psicológica, afectiva, sem que a sobrevivência se torna impossível. Na toxicodpendência é a pessoa humana que está em questão. Poderemos dizer, então, que se trata de um problema ético. A luta contra a toxicodpendência consiste em entregar ao homem ou à mulher a dignidade que perdeu, reintegrar a pessoa na vida social, em liberdade, saúde e projectos de futuro. O ETOS é a profundidade, o mais íntimo do ser. É a referência última para todos os comportamentos, a consciência profunda onde moram os grandes valores que orientam o coração humano. O toxicodpendente deixou todas estas referências, e os seus comportamentos alteraram-se completamente. Quando dominado pelas substâncias, seja o haxixe, a heroína, a cocaína ou outras, o toxicodpendente não ama ninguém, não respeita mesmo os mais íntimos, e também utiliza as pessoas e as coisas, na medida em que necessita, para alimentar a sua carência. Revolta-se com os familiares, não tem o sentido da propriedade e faz seu o que apanha à mão, vende o que tem e vende-se a si mesmo, para poder encontrar o dinheiro necessário para a compra de produtos. Para o toxicodpendente, não

há direitos nem deveres, a necessidade é urgente, não há o bem comum, há apenas o bem imediato que se conquista mesmo à custa de todos. É a falência total dos valores éticos que poderiam orientar-lhe a vida. A perda de sentido ético acompanha a perda do sentido da vida.

**2** – Valores como a verdade ou a justiça ou mesmo o amor, são coisas que não contam. A tolerância cede à intransigência constante, a convivência só interessa quando estão em questão os membros do grupo que partilham os produtos, o diálogo é substituído pela agressão, a solidariedade não existe. Os grandes valores éticos são comprometidos.

É por isso que a intervenção pessoal ou organizada perante o problema da toxicodependência, existe consciência ética, para educar comportamentos na prevenção primária, para reparar o carácter que perdeu dimensão, na prevenção secundária, para reinserir no corpo social, família, profissão, amigos, na prevenção terciária. Só quem tem valores éticos assumidos pode entrar responsabilmente na luta que devemos travar para vencer este flagelo.

É um problema de cultura o grande desafio que hoje nos é feito, mas uma cultura com valores que respeitam e promovem sempre a dignidade da pessoa e de todas as pessoas.

**3** – Tudo isto requer a educação ou a reeducação dos comportamentos, da relação de cada pessoa com as outras pessoas. Ao longo dos séculos, criaram-se regras que ajudavam a assumir esta relação de uma forma organizada.

Até ao fim do século XIX, o sistema tradicionalista, impositivo e repressivo, ofereceu as regras religiosas (os mandamentos da lei de Deus), a regra social (as normas de cada grupo étnico ou cultural), a regra política (os interesses da classe (dominante)). Depois, ao longo deste século foi avançando o sistema utilitarista, permissivo e liberalizante, que defendeu comportamentos com o objectivo do simples bem estar, do lucro e do sucesso, ou da eficácia e revolução.

Chegámos ao tempo em que no limiar do 3º milénio, em termos éticos, se dá prioridade absoluta à pessoa. O sistema personalista defende sempre a dignidade humana, a solidariedade social, a criatividade na descoberta de caminhos novos, a abertura ao transcendente na normal superação dos limites.

Nesta perspectiva, e na constante preocupação por defender a pessoa humana, a toxicodependência não é fundamentalmente problema de solução policial ou de solução médica. A toxicodependência reclama uma solução educativa, a educação dos comportamentos, o que não é possível sem a reflexão ética indispensável.

### Educar para o sentido da vida

**1** – Muitos dos nossos concidadãos perderam o sentido da vida. Não sabem porque vivem e para que vivem. Procuram, por isso, experiências sensoriais, encontros imediatos, sensações pontuais que permitam ultrapassar um obstáculo momentâneo, mas sem a construção de um projecto à distância que dê o sentido a todas as opções.

É urgente reeducar a cidade, ajudar os nossos contemporâneos a viverem um processo de educação que lhes permita construir coisas que valham a pena. As soluções imediatistas e meramente sensoriais são profundamente comprometedoras. Deixam sensação amarga de vazio, apesar do prazer que proporcionam.

**2** – Mas afinal o que é educar? É “formar integralmente a pessoa humana, através da assimilação sistemática e crítica da cultura”. É a pessoa humana no seu todo que tem de ser valorizada, é a assimilação de todos os dados recebidos de inúmeras fontes, é a atitude crítica para avaliar e fazer um trabalho de triagem que permita aceitar o positivo e recusar o negativo, é o reconhecimento dos valores imutáveis que sistematicamente devem ser assumidos, é finalmente a fidelidade a uma cultura que faz a história de um povo, e a uma civilização.

Não é fácil a educação global, mas ela é indispensável. A educação de toda a pessoa é mais do que simples informação, é mais do que instrução e aprendizagem, é mais do que a transmissão de regras impositivas de comportamentos não desejados ou até ridículos, é sobretudo desenvolvimento completo da vida física, psicológica, afectiva, social, cultural, da vida toda porque de toda a vida é tecido o ser humano.

Sendo assim, educar é libertar, é responsabilizar, é abrir portas em alternativa agradável para escolhas positivas, é dar capacidade para dizer sim e dizer não depois de avaliar e discernir sobre as situações, é con-

quistar, no presente, um futuro melhor que já começa.

**3** – Esta educação, para enfrentar o problema das dependências tão frequentes no nosso tempo, é uma educação para a saúde, com propostas e estilos saudáveis de vida, é a educação da sexualidade, enquanto dinamismo envolvente de todo o ser, corpo, espírito, sentimentos, é educação da sensibilidade da afectividade e da arte, sem o que é mais pobre a relação essencial à vida humana, é uma educação para valores sem os quais não é possível dar sentido à vida.

Sabemos como a vida não saudável invade os nossos comportamentos humanos. O stress, a alimentação, a vida sexual, os ambientes poluídos, as experiências da velocidade, do barulho, do risco, trazem consigo grandes prejuízos para a saúde das pessoas. Porém, insistimos nesses comportamentos, não avaliamos atitudes, somos incapazes de parar para mudar de rumo. É necessário uma educação ética, a educação dos nossos comportamentos segundo valores universais.

**4** – A educação tem de ter em atenção a referência fundamental, o objectivo último que orienta todas as opções. É o sentido da vida.

Não é só profissional, nem científico, nem técnico, não é só social, político ou económico, não é só religioso, filosófico ou ideológico. O sentido da vida envolve tudo isto e muito mais de tal forma que é em comparação com ele que o ser humano orienta toda a sua vida. Infelizmente, na sociedade moderna, com a preocupação do imediato, perdeu-se muito o sentido da vida. A maior parte das pessoas, vive em correria constante, reduz todo ao sensorial e ao mais fácil e, por isso mesmo, perde a capacidade de olhar à distância, de avaliar as situações em ordem à concretização de um projecto abrangente. Porque a maioria das pessoas são assim, quando se educa, educa-se para o imediato e não para o sentido da vida, a razão chave das opções fundamentais. A sociedade actual desresponsabiliza e a própria educação é desresponsabilizante, tantas vezes:

- *é a tentação de "liberalização"* – tornar legítimo e legal o que contém dificuldades, no início da vida, no termos da vida e nos grandes desafios que a vida comporta. É um certo culto do mais fácil, sem a avaliação suficiente dos riscos que tal legalização implica.

- *é a tentação da "desculpabilização"* – perante as situações de violência de competição desenfreada ou da simples inconsciência que provoca acidentes de estrada ou de trabalho.

- *é a tentação da "não avaliação"*, uma atitude acrítica perante situações que mereciam ser revistas com coragem, redefinindo posições e aceitando responsabilidades que "rigorosos inquéritos" não solucionam.

- *é a tentação da "corrupção"* ao nível económico e político, como ao nível sexual e social, permitindo-se cada um vantagens que contrariam as mais elementares regras de equidade e de justiça.

Em tudo isto, a falta de sentido ético é notória e está comprometida sempre uma justa razão de viver.

**5** – A educação para o sentido da vida tem de ter em conta toda esta realidade para que jovens e adolescentes, mas também adultos, aprendam a percorrer os caminhos mais difíceis, para atingir os objectivos mais nobres, aqueles que servem o bem comum.

Quando se tem o sentido da vida, quando se acredita na alegria de viver com valores de referência, não há lugar para os consumos destruidores da personalidade e da dignidade da pessoa.

E, neste contexto, quem fala de toxicod dependências, quem luta contra as toxicod dependências, está a assumir uma atitude ética e, pelo testemunho ou pela intervenção, está também a educar eticamente os cidadãos. A ética na educação exige que se eduque para o sentido da vida e essa é a melhor forma de prevenir os consumos negativos.

### Toda a prevenção tem uma dimensão ética

**1** – A prevenção primária supõe um objectivo ético, ou seja, a formação integral da pessoa, na liberdade e na responsabilidade, nos valores que preparam compromissos, na alegria que se identifica com os grandes ideais da vida. Não faz prevenção primária quem não tenha um quadro de valores que garantam a dignidade e a solidariedade humanas. Pais e professores, responsáveis políticos, autárquicos, gestores de empresa e trabalhadores, quem quer que seja, preocupado com a educação da liberdade dos cidadãos, tem de estar atento à dimensão ética da vida social. É esta dimensão

ética que lhe permite encarar a prevenção primária como um imperativo, a única forma fiável para libertar a sociedade deste flagelo. É que só com gente que sabe dizer não, conseguiremos limpar a cidade dos consumos que a corrompem. Mas para isso, é preciso aprender a dizer não. Só a sensibilidade ética o permite.

**2 – A prevenção secundária** tem uma responsabilidade ética. Quando temos um doente e definimos um diagnóstico, um prognóstico e uma terapia, o objectivo de toda a intervenção clínica é a pessoa do cliente. Nem a experiência ou a investigação científica, nem os eventuais lucros ou interesses de grupo, nem a alta tecnologia ou a publicidade da intervenção estão em causa. A razão da política da saúde, do exercício da arte médica e das ciências afins, a razão das unidades terapêuticas ou dos centros de acolhimento, é sempre a pessoa doente, sujeito de direitos e de deveres, enquanto pessoa livre e responsável. Toda esta preocupação é deontológica. A atenção ao doente e à sua família é prioritária; a garantia de tudo se fazer para a recuperação é um dado fundamental; o tratamento nas medicinas que propõe, na relação pedagógica que consegue, nos resultados perseguidos, configura sempre um problema ético.

Nos Centros de Atendimento a Toxicodependentes (CAT), nas Comunidades Terapêuticas, nos Centros de Recuperação de Estadia Prolongada - CREP, nas clínicas as mais diversas, nos Serviços Públicos, privados ou sociais, a responsabilidade ética, ou seja, a atenção prioritária à pessoa humana em crise de toxicodependência, é essencial. É a responsabilidade ética que limita os problemas dos custos, os internamentos, as esperas, todo o processo de recuperação integral do ser humano em crise. A não ser assim, todo este processo pode ser um jogo de interesses, mas não é de certeza, um problema de tratamento e de cura deste doente, tão estigmatizado na nossa sociedade.

**3 – A prevenção terciária** é uma atitude social de natureza ética. Não basta recuperar física e psicologicamente as pessoas, se depois não há condições para as reintegrar social e profissionalmente. Todos sabemos que o não ter nada que fazer é uma das causas de perda da qualidade de vida e de busca de soluções aleatórias, entre as quais está o consumo de drogas. Se o toxicodependente recu-

perar, e depois não é reinserido no tecido social normal, resta-lhe, como diz o poeta “não faz nada, chorar como uma criança que já não tem confiança no próprio Deus da doutrina...”. E para abafar as lágrimas é fácil o recurso ao tabaco, a um copo ou, mais agradável, a uma substância psicotrópica. Para tal não acontecer é necessário não ocupar o tempo e a vida do toxicodependente recuperado, o que requer uma formação profissional, um trabalho regular, um grupo de amigos e, também, uma família reorganizada. A esta reinserção social, chamamos prevenção terciária uma actividade ética de respeito profundo pela pessoa humana deste homem ou mulher que, tenha caído numa situação negativa, se levantou e quer amar a vida, quer ser útil na cidade, quer ser livre e responsável no meio dos seus concidadãos. Todos vão beneficiar com esta recuperação integral.

Infelizmente, a sociedade que hoje ainda estigmatiza estas pessoas que vêm fechar-se-lhe todas as portas. Era necessário despertar as famílias, as empresas, as igrejas, todos os grupos, para o reconhecimento da pessoa que foi capaz de vencer um tempo de escuridão e se abriu à liberdade responsável. A prevenção terciária é uma responsabilidade ética para as famílias, as escolas, as igrejas, as empresas, os serviços, para todas as pessoas que, independentemente da história de cada um, se dispõem a acolher, a apoiar, a servir e a amar, mesmo estes que um dia foram dependentes.

**4 – A prevenção primordial** chama à ética social. Porquê? Pela prevenção primordial pretende-se contrariar a oferta, enfrentando a produção, o comércio, e o tráfico de substâncias ilícitas. Se a cidade está poluída com estes produtos traficados, é essencial purificá-la. É um problema de ética social. As crianças e os adolescentes não podem estar sujeitos a propostas que os “agarrem”. As pessoas mais velhas não podem suportar os assaltos a pessoas e bens, para outros terem dinheiro para o seu consumo habitual. Despoluir a intervenção ética... Sendo assim, é primordial a acção das polícias, contrariando a oferta, o tráfico de produtos que destroem vidas e famílias.

Por isso mesmo, as polícias devem dar uma nova imagem de si mesmas, não ligar a uma repressão indiscriminada, mas a uma intervenção que seja educativa e de apoio ao bem comum e de ajuda às pessoas com problemas. Neste tempo, é necessário entender que a preven-

ção primordial é um imperativo ético, de interesse social, de tal maneira que as polícias possam garantir que as substâncias não circulem à vontade, transportando processos de destruição, de morte a curta distância. Os polícias têm um papel fundamental no contrariar da oferta. Devem fazê-lo segundo métodos que respeitem a pessoa humana e a sua dignidade e liberdade, mas não podem deixar de fazê-lo para que todos nos sintamos mais livres, mais responsáveis e mais felizes, sem agressões nem pressões que não desejamos.

**5** – O que toda a gente procura, em última análise é a felicidade. Mas o que faz alguém feliz não é o dinheiro ainda que necessário, não é o poder que tem de exercer-se na sociedade, não é o prazer ao qual todos têm direito, nem mesmo é o sucesso que muitos não alcançam. O que dá felicidade às pessoas é o sentido da vida que permite usar o dinheiro sabendo ser solidário, que define o poder como uma forma de servir e que aceita o prazer como um aspecto apenas da alegria de viver. Pode ser-se feliz, mesmo que pobre ou lutando pela justiça, ou sendo perseguido, desde que os objectivos da vida, o sentido da vida empurre para a construção da paz, numa sociedade de pessoas que se ajudam e que se querem bem.

A sociedade perfeita não é o produto apenas do desenvolvimento mas é sobretudo fruto duma fraternidade vivida no dia a dia.

### **Perspectivas éticas no Projecto Vida**

**1** – O Projecto VIDA é o Programa Nacional do Combate à Droga. Porque serve a pessoa humana a quem quer prevenir, para que seja livre, saudável e feliz, a quem quer recuperar, quando por qualquer circunstância se tenha deixado “agarrar”, a quem quer reintegrar, numa vida normal, lutando contra qualquer forma de exclusão social, o Projecto VIDA tem uma dimensão ética. O personalismo ético contém o suporte filosófico para os comportamentos novos que se reclamam dos valores essenciais à felicidade humana e à convivência numa sociedade fraternal, em síntese como disse alguém, “O Projecto VIDA para VIDAS com Projectos”.

**2** – Prevenção Primária na área da educação, Prevenção Secundária na área da Saúde, Prevenção

Terciária na área da reinserção social ou Prevenção Primordial na área da recusa da oferta, tudo exige uma dimensão ética, porque em tudo se pretende apenas e sempre o desenvolvimento integral da pessoa humana, razão última de todo este programa. São os técnicos que têm de respeitar e promover cada pessoa são ou dependente, são as intuições que não podem ceder às tentações do lucro fácil ou da ineficácia da acção, são os próprios dependentes que devem aceitar um trabalho de recuperação da liberdade perdida. É sempre a pessoa humana em primeiro lugar.

**3** – O Projecto VIDA, para manter a sua dimensão ética tem de aparecer sempre universal, sem ceder a qualquer tipo de protagonismo ou de manipulação, tem de recusar ser utilizado, seja porque razão fôr, em benefício de pessoas ou de grupos, tem de promover sempre a solidariedade, contrariando tendências de exclusão social, hoje tão frequentes em quem lida com toxicod dependentes.

Na sua intervenção, o Projecto VIDA tem de garantir a verdade como fundamento do diálogo educativo ou terapêutico, a justiça como regra na relação a ter com as pessoas ou com as famílias, a liberdade como objectivo a alcançar para todos os que pedem auxílio, a tolerância na diferença, a solidariedade na dignidade, a harmonia na recuperação integral, a paz na convivência social. O Projecto VIDA é um Projecto que desafia a felicidade a que todos têm direito.

Nas centenas de iniciativas de Prevenção Primária, nos inúmeros Centros de Atendimento e Comunidades Terapêuticas, nos muitos Apartamentos de Reinserção Social, nas empresas empenhadas em reintegrar profissionalmente os que já venceram, em tudo, o motor de toda a acção é a dignidade e a liberdade humanas. É uma preocupação ética que envolve todo o processo de intervenção do Projecto VIDA. É nesta perspectiva que os responsáveis e os técnicos que, nos mais diversos níveis, intervêm no Projecto VIDA, têm de manter uma postura ética, em tudo o que fazem e em tudo o que vivem.

### **Conclusão**

Pode ser difícil trabalhar neste universo da Toxicod dependência.

Quando, porém, nos motiva a defesa e a prevenção da

pessoa humana, a sua recuperação e reinserção depois do tempo difícil, então vale a pena dar vida para que os outros tenham vida em abundância.

É esta a atitude ética perante a Toxicod dependência. ■

*Victor Feytor Pinto*

*Alto Comissário para o Projecto VIDA*

**RESUMO:** O autor caracteriza a toxicod dependência como uma doença integral que afecta o indivíduo e a comunidade e que implica a perda do sentido ético da vida. Defende que a recuperação deve ser enquadrada dentro dos programas de educação para a saúde e uma opção por um estilo de vida familiar.

Finalmente, situa a intervenção do PROJECTO VIDA, tanto ao nível da prevenção como ao da reinserção, no âmbito das preocupações éticas que a dignidade e liberdade humanas exigem. ■

**RESUMÉ:** L'auteur caractérise la toxicomanie comme une maladie integrale qui affecte l'individu et la communauté et qui implique la perte du sens éthique de la vie.

Il considère que la récupération s'encadre dans les programmes d'éducation pour la santé et dans le choix d'un style de vie familiale.

Pour finaliser il place l'intervention du PROJECTO VIDA, soit au niveau de la prévention soit au niveau de la réinsertion, dans le cadre des préoccupations éthiques que la dignité et la liberté humaines demandent. ■

**ABSTRACT:** The author characterises drug addiction as an integral disease which affects the individual and the community, implying the loss of the ethical meaning of life. He defends that recovery is included in the educational health programmes and in the option for a familiar life style.

Finally, he places the intervention of PROJECTO VIDA on the level of prevention and reinsertion, in the ambit of the ethical worries that dignity and freedom demand. ■